

PRÁTICA DE LEITURA EM FRANCÊS

(textos não específicos)

Deyzeli Meira Costa

Unicamp

A aprendizagem da leitura em francês tem se revelado em nossa Universidade rápida e eficiente com grupos de pessoas da mesma área de especialização que se interessam por textos técnicos, visando o acesso à bibliografia estrangeira.¹

O contato com a língua se faz naturalmente, sem o auxílio da tradução. O conhecimento do assunto a ser tratado leva a uma antecipação do sentido. O aluno diante do mundo que é o seu, utiliza toda a sua experiência, toda a sua capacidade inferencial, levantando hipóteses que se confirmam facilmente.²

Por outro lado, é muito comum os textos técnicos serem acompanhados de outros elementos não lingüísticos que facilitam a compreensão: a presença de gráficos, esquemas, figuras objetivas (fotos e aparelhos, por exemplo), tabelas.

Deixa-se, então, de lado a leitura linear inicial e parte-se para uma percepção global. Levam-se em conta as condições de produção do texto, a coerência do discurso e observam-se os traços do autor, através de marcas enunciativas.

Este tipo de ensino se processa facilmente (de um a dois semestres). Entretanto, fatores não pedagógicos têm contribuído para que tais grupos não cheguem sempre a se constituir (dificuldade de horário comum, por exemplo). Além disso, quando se fala em público homogêneo, pensa-se não somente em pessoas da mesma especialidade (estudantes da mesma área) mas ainda em pessoas com o mesmo nível de conhecimento e objetivos semelhantes.³ Do contrário, não se poderia trabalhar com textos técnicos, pois o conhecimento do assunto deve ser assegurado.

Na verdade, esta seleção tão rigorosa reduziria a prática educativa a um público privilegiado, deixando-se de se atender a muitas pessoas que também se interessam pela língua. Assim, numa tentativa de se conciliar uma situação *ideal* com uma situação *real*, tem-se trabalhado com textos não específicos, quando os grupos são heterogêneos ou demonstram preferência por este tipo de leitura. Esta experiência, realizada até o presente momento com cinco grupos, com uma média de quinze alunos, durante dois semestres, revelou que os alunos conseguem sem dificuldade fazer a passagem de textos não específicos para específicos, tendo acesso à bibliografia de que necessitam.

1. VANTAGENS E DESVANTAGENS DE UM CURSO DE LEITURA NÃO ESPECÍFICA.

Não se trata aqui de se apresentar nenhum tipo de "inovação metodológica". Sophie Moirand, no seu artigo "Approche Globale de Textes écrits"⁴ já havia demonstrado que as técnicas de trabalho poderiam ser utilizadas em ambos os casos. Muitos outros autores têm revelados suas experiências neste setor. Aqui mesmo, no Brasil, a prática de leitura não específica em francês tem sido desenvolvida na USP e, no Rio de Janeiro, até mesmo em turmas de 1º e 2º graus.

Nossa intenção é bem mais modesta. O que se pretende aqui é destacar algumas observações que foram feitas em turmas experimentais na UNICAMP pelo CLA.

Deparamos com algumas dificuldades:

- O texto geral costuma ser menos previsível do que o texto técnico. É mais freqüente ainda o emprego de figuras de linguagem, o que dificulta muitas vezes a compreensão.

- Existe maior resistência por parte dos alunos em aceitarem essa abordagem global inicial, apelando mais freqüentemente para a tradução, se preocupando com o significado preciso de cada palavra. Não conseguimos ainda delimitar o motivo desta atitude. Estamos ainda na fase de observação diante deste problema. Uma hipótese seria a de que como o texto geral está mais próximo do texto

que se vê normalmente no ensino da língua materna ou do ensino tradicional de língua estrangeira, leva a um enfoque também tradicional de decifragem de cada elemento.

- Por outro lado, a tipologia é mais variada. Diferentes tipos de discursos aparecem, sendo os textos têcnicos mais limitados. Se inicialmente este é um fator de dificuldade para o aluno, passa a ser uma vantagem na medida em que terá ocasião de conhecer a língua em toda a sua complexidade.

Entretanto, algumas vantagens puderam ser verificadas:

- O atendimento a um maior número de alunos, sem perdermos a qualidade que não dispensamos.

- Maior facilidade de se manter um clima de interesse por parte dos alunos. Principalmente para o aluno de graduação, o texto de especialidade dificilmente serve de motivação para a aprendizagem.

- Como foi dito anteriormente, o aluno consegue no final do curso ler textos científicos. O inverso nem sempre ocorre. Os estudantes de 6 turmas homogêneas após dois semestres de curso, tiveram dificuldade em ler textos gerais que lhes foram passados como teste experimental.

Acreditamos que as vantagens sejam significativas e que as dificuldades possam ser superadas se levamos em conta alguns critêrios para a escolha dos textos.

2. CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DE TEXTOS GERAIS

Ao chegarem num curso de leitura não técnica, a expectativa de muitos alunos é de que vão se depararar com texto literário.

Isto se deve principalmente a uma tradição da Escola de 19 e 29 graus que em língua materna praticamente so trabalha com este tipo de leitura.⁵ Utilizam-se textos literários fragmentados, que servem de pretexto para o ensino do léxico e da gramática. Aparecem, portanto, distorcidos, desviados de seu real valor (de engajamento, de entretenimento).

Por outro lado, o ensino tradicional de línguas estrangeiras também utiliza o texto literário ao lado de textos pré-fabricados.

Este tipo de texto seria incompatível com a metodologia proposta pelo francês Instrumental, numa fase inicial. Como partir de uma abordagem global, formulalar hipóteses diante do mundo desconhecido, IMPREVISÍVEL, que é a Literatura? Como trabalhar com recortes, textos fragmentados, retirados do seu contexto menor, enquanto livro, isolados do seu contexto maior, do seu momento histórico?

O texto literário so deve ser analisado enquanto literatura. E, para isto, o leitor precisa ter um bom domínio da língua.

Com exceção deste tipo de leitura, em princípio, qualquer outro tipo de texto poderia ser trata

balhado no início do curso, desde que alguns requisitos fossem observados. Não precisam aparecer todos ao mesmo tempo, mas devemos estar seguros de que ele contenha elementos que permitam ao aluno levantar hipóteses sobre o assunto, utilizando seus conhecimentos pragmáticos.

2.1. Assunto conhecido e do interesse do público

Enquanto os demais critérios podem ser dispensados, este não pode ser abandonado. A escolha deve levar em conta a preferência dos alunos.

Os artigos de jornais e revistas que falam do Brasil têm dado bons resultados. Além de conhecer bem o contexto, o brasileiro sente uma curiosidade muito grande em saber como o seu país é visto lá fora.

2.2. Intenção do autor conhecida

Conhecer a intenção do autor facilita a formulação de hipóteses. Identificado o assunto, resta descobrir a posição do autor.

Os alunos podem chegar sozinhos a esta conclusão. E isto é possível se existirem marcas enunciativas transparentes no texto.

Os textos de propaganda atendem a este critério. Seja qual for a maneira escolhida pelo autor para emitir a sua mensagem, o aluno sabe que sua intenção será sempre a de divulgar algo, de vender alguma coisa. E ele

encarna o seu papel de leitor/consumidor diante daquela propaganda e, eventualmente, até mesmo de crítico.

2.3. Presença de elementos visuais

Geralmente, elementos visuais servem para situar um pouco o texto numa primeira abordagem. E, como elementos visuais, entendemos não somente figuras, mas ainda alguns sinais de pontuação, nomes próprios, números, títulos e até mesmo palavras transparentes.⁶

No que diz respeito a imagens (fotos, desenhos) a sua utilização não é tão simples quanto parece à primeira vista. Pode ser muito útil no início da aprendizagem. Como o aluno não possui ainda conhecimentos lingüísticos, pode facilitar o levantamento de hipóteses. Entretanto, as imagens que acompanham os textos gerais costumam ser mais polissêmicas do que as dos textos técnicos (esquemas, gráficos, tabelas). Muitas delas chegam mesmo a confundir o aluno, levando-o a inferências erradas.

Na tentativa de se verificar que tipo de imagem deveria ser apresentada a nosso aluno iniciante, buscou-se um embasamento teórico e o texto de Roland Barthes "Rhétorique de l'Image"⁷ pareceu-nos o mais adequado para esta problemática.

A partir da análise de uma propoganda, R. Barthes consegue destacar várias mensagens contidas na imagem. Diz ele:

"Toda imagem é polissêmica; ela implica subjacente a seus significantes significados dos quais o leitor pode escolher alguns e ignorar outros. A poliss^umia produz uma interrogação no sentido".

Além disso, há diferentes leituras possí^uveis de uma imagem. Esta variação depende dos diferentes conhecimentos investidos na imagem (prático, nacional, cul^utural, estético).

Então, técnicas diversas são utilizadas pa^ura delimitar os signos incertos. Uma das técnicas é a men^usagem linguística. E sua função é dupla: de "ancoragem" e de "relais"⁸.

A função de "ancoragem" é mais freqüente na imagem fixa. Encontramo-la habitualmente na fotografia de imprensa e de publicidade. Tendo um caráter ideológico, ela serve para dirigir o leitor. É uma forma de controle.

A função de "relais" é encontrada por exem^uplo, em desenhos humorísticos, em histórias em quadrinhos. A palavra e a imagem ficam em relação complementar. No ci^unema, a mensagem lingüística serve também para adiantar a ação, para apresentar informações que não se encontram na imagem.

Evidentemente, as duas funções (de "ancora^ugem" e de "relais") podem coexistir numa imagem, mas, em geral, uma delas predomina.

No ensino de línguas, a relação entre a mensagem lingüística e a mensagem icônica é inversa. É a imagem que vai servir de "relais" ou de "ancoragem" para

a mensagem lingüística.

Tendo sido feita uma observação nas turmas experimentais, verificamos que as imagens com função de "relais" no início do curso prejudicam, na maioria das vezes, a busca do sentido. Como ela se encontra em relação complementar com a mensagem lingüística, o aluno não tem na primeira abordagem a noção do todo.

Assim, acreditamos que a imagem deva ser utilizada como um critério para a escolha dos textos, mas, de preferência, aquela que tiver uma função de "ancoragem", que conduza o leitor para uma direção determinada. Uma imagem que consiga "fixar a cadeia flutuante dos significados".⁹

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os critérios destacados são muito úteis nos primeiros meses da aprendizagem. À medida que o aluno entra em contato com a língua estes suportes devem ir desaparecendo. No final de dois semestres, o aluno deve inclusive ser capaz de ler textos cujos assuntos ele desconheça.

Isto se consegue não através de levantamentos lexicais nem gramaticais, mas da busca constante do sentido.

A estratégia indicada em *Lire en français*

*les sciences économiques et sociales*¹⁰ tem dado bons resultados nos cursos em questão, nos trabalhos em sala de aula. Inclui várias etapas e têm sido utilizadas de acordo com o texto escolhido:

- Como abordagem da organização do discurso, faz se um levantamento sistemático dos articuladores do tipo retórico. Localizam-se as anáforas, os indicadores temporais, os elementos lingüísticos que remetem às imagens.

- Faz-se um levantamento temático.

- Observam-se os elementos da enunciação. As modalidades apreciativas, os atos de fala, as marcas pessoais...

O próximo passo de nosso trabalho será o de observar em que fase da aprendizagem o texto literário pode aparecer, buscando-se talvez uma nova metodologia. Isto porque nossa pedagogia é centrada no aluno e ele tem reivindicado este tipo de leitura.

NOTAS:

1. Francês Instrumental ou técnico, língua de especialidade.
2. Naturalmente, existe uma tendência para tradução, para leitura linear que deve ser desbloqueada.
3. Desta forma, não se deveria misturar alunos do curso

básico (1º ano de graduação) com alunos de séries mais avançadas. O que é difícil, uma vez que a Universidade funciona por sistema de créditos. Muito menos se poderia concentrar alunos da graduação com alunos do Mestrado e do Doutorado.

4. MOIRAND, Sophie, "Approche Globale de Textes écrits", in: *Etudes de Linguistique Appliquée*.
5. COSTA, Deyzeli Meira. "Universidade Agora. E Antes ?" Pesquisa apresentada em colóquio realizado pelo DLA, UNICAMP, 25/10/82. Trata-se da análise de livros didáticos de "Comunicação e Expressão" a fim de se verificar o tipo de leitura a que os alunos têm acesso até chegarem à Universidade.
6. Além disso, não podemos deixar de lado o fato de que "Todo texto possui uma imagem". Assunto este desenvolvido por Sophie Moirand em "Les Textes aussi sont des images", págs. 38 a 52.
7. BARTHES, Roland. "Rhétorique de l'Image" págs.40 a 51.
8. Preferimos manter o termo em francês, uma vez que não encontramos uma tradução que exprima a definição apontada pelo autor.
9. BARTHES, Roland. Op. cit.

10. LEHMANN e outros. *Lire en français les sciences économiques et sociales* - fiches pédagogiques. pags. XIX XX, XXI, XXII.

BIBLIOGRAFIA:

BARTHES, Roland. "Rhétorique de l'Image", in *Communications* nº 4. Paris, Centre d'Etudes de Communication de Masse. 1964.

COSTA, Deyzeli Meira. "Universidade Agora. E Antes?". *Colóquio* apresentado no DLA, UNICAMP, em 25/10/82.

LEHMANN e outros. *Lire en français les sciences économiques et sociales* - fiches pédagogiques. Paris, Crédif-Didier; 1979.

MOIRAND, Sophie. "Approche Globale de textes écrits", in *Etudes de Linguistique Appliquée* nº 23. Paris, Didier. 1976.

MOIRAND, Sophie. "Les Textes aussi sont des images", in *Le Français dans le Monde* nº 138. Paris, Hachette - Larousse, 1978.